

## O EU E O MESMO: O AMOR LÉSBICO NA POESIA DE ADRIENNE RICH

Ariane Ávila Neto de FARIAS\*

■ **RESUMO:** Este artigo objetiva refletir acerca da construção da subjetividade do sujeito lésbico nos poemas “Splitting” (1978) e “Twenty-one love poems” (1978), da estadunidense Adrienne Rich. Desvinculado das representações sociais que assumem ser o corpo feminino um mero objeto masculino e indo além da noção de que a posse sexual da mulher é fator mantenedor da ordem social, o eu lírico de Rich é, então, o sujeito formado pela e na diferença. Hoje, com a multiplicidade de valores, sentidos e representações, o sujeito feminino centralizado e estático perde seu espaço para uma figura contraditória, dinâmica e fragmentada, resultado de suas experiências. Nesta perspectiva, entende-se que as poesias de Rich aqui discutidas constituem um espaço de reflexão sobre o discurso hegemônico e práticas sociais guiadas pela cultura Ocidental. Assim, pretende-se articular a fala da poeta norte-americana às de teóricas (os) como Michel Foucault (2015), Tânia Swain (2010) e a própria Adrienne Rich (1979; 1986; 2010), mostrando, dessa forma, que com a crescente discussão dessa construção promove-se não só uma nova percepção de mundo, mas uma mudança no quadro de referências e critérios, na avaliação de fenômenos sociais.

■ **PALAVRAS-CHAVE:** Adrienne Rich. Lesbiandade. Poesia. Subjetividade.

É a partir do entendimento das representações dos papéis sociais como uma maneira de conhecimento socialmente construída e partilhada que, nas relações entre os sujeitos, institui a realidade, compreendeu-se a sujeição das mulheres a um saber que reduz sua definição como indivíduo social e o seu espaço, ao seu corpo/sexo e a características como carinho, compreensão, dedicação ao lar e à família (esposo e filhos). A mulher era, assim, moldada e desvalorizada com base em uma concepção de superficialidade e de moral escorregadia e duvidosa que pedia de seus homens (maridos, pais, irmãos, etc.) constante precaução, já que estas “são destruidoras em potencial como se fosse mais do que evidente que jamais aceitariam, voluntariamente, os papéis que lhe são designados” (PERROT, 2009, p. 44). Destaca-se também que era a maternidade a responsável pelo cumprimento integral do destino da figura feminina. Esta, então, seria sua vocação natural.

---

\* FURG – Universidade Federal do Rio Grande – Instituto de Letras e Artes – Rio Grande – RS – Brasil. 96203-900 – arianeaneto@hotmail.com.

Porém, é de grande importância destacar que os padrões utilizados para a análise deste “ser feminino” eram culturalmente pré-estabelecidos por uma sociedade arraigada a um modelo patriarcal de comportamento, na qual o feminino só está completo em seu encontro com o masculino. Desta forma, tudo o que fugisse aos padrões guardados ao ideal feminino do patriarcado era tomado como desviante, merecedor da atenção de profissionais da saúde. Todavia, é importante salientar que o cenário atual, mesmo tendo avançado em muitos aspectos, ao colocar como fundamental o conceito de uma figura feminina multifacetada, como comentada acima, ainda não se mostra tão vantajoso para os sujeitos femininos, sendo a mídia uma das maiores responsáveis por ainda apresentar mulheres “multitarefa”, exercendo o seu papel habitual de dona de casa e cuidadora dos filhos.

No que diz respeito à sexualidade da mulher, é visível que noções sobre esta foram se modificando com o tempo. Com a repressão à verdade íntima do desejo feminino, uma identidade sexual genuína ou autêntica não era percebida. Seria mais correto dizer que diferentes sexualidades não eram aceitas. Foi com a chegada do século XX que a história da figura feminina ganhou um novo capítulo. O direito feminino sobre o seu próprio corpo é central no feminismo dos anos sessenta. O surgimento da pílula anticoncepcional é uma grande revolução sexual que permite a prática sexual feminina com o objetivo único de busca pelo prazer. A mulher tem, agora, condições de controlar a concepção.

Para Susana Funck, “com o passar dos anos, muitos dos antigos padrões e controles foram desafiados, assim, a sexualidade toma um espaço muito maior nos debates públicos”<sup>1</sup> (FUNCK, 1998, p.16, tradução nossa). Se, no início do século XX, o sexo era tabu, na segunda metade tudo muda e a sexualidade feminina – o ser mulher – já não parece mais uma noção estável, sendo seu significado, mais do que nunca, problematizado.

Na cultura patriarcal ocidental, a sexualidade feminina foi, por longo tempo, oprimida e regulada pelo poder masculino. Desta maneira, sem o poder, a mulher não podia decidir seu próprio caminho, vivendo de acordo com os padrões masculinos. Em tal estrutura social, sua sexualidade era do masculino, que a usava sem a menor cerimônia. Simone de Beauvoir, em *O Segundo Sexo* (2009), assevera que o corpo feminino, até a primeira metade do século XX, foi marcado no discurso masculinista, pelo qual o corpo masculino, em sua fusão com o universal, permanece não marcado, enaltecendo o gênero masculino como o portador de uma personalidade universal. Por fim, ela ainda propõe que o corpo feminino deveria ser a situação e o instrumento da liberdade da mulher, e não uma essência definidora e limitadora. Thomas Laqueur, em *Inventando o sexo* (2001), pontua que a medicina ocidental do século 18 não podia representar a sexualidade humana como dividida,

---

<sup>1</sup> No original: “Over the years, many ancient controls and standards were challenged, in this new context, sexuality takes a larger space in public debates.”

originalmente e de forma bipolar, entre as sexualidades masculina e feminina. O modelo científico dominante era o modelo do sexo único. Dessa forma, a mulher era entendida como inferior, pois era concebida como um homem imperfeito, a quem faltava a força e a intensidade do calor vital, esse último responsável pela evolução do corpo até a perfeição ontológica do macho. O autor afirma que os médicos por um longo período entendiam o útero como o escroto; os ovários, os testículos; a vagina, o pênis, e a vulva, o prepúcio.

Para Arleen Dallery (1997), é possível dizer que a sexualidade da mulher passa por um estágio no qual a experiência da heterossexualidade é excedida. Enfim, percebe-se a sexualidade feminina não mais como única, mas plural (DALLERY, 1997, p. 90). Surge uma nova escrita do corpo feminino, longe daquela criada por uma cultura masculina. Com a derrubada da heterossexualidade compulsória<sup>2</sup>, inaugura-se um verdadeiro humanismo da “pessoa”, livre dos grilhões do sexo. Deste modo, o sexo é entendido por diversos caminhos.

Emerge um conceito de sexualidade fluida. O amor e/ou somente a relação sexual entre indivíduos do mesmo sexo, que na história das sociedades ocidentais sofreu (e ainda sofre) com longos anos de apagamento e julgamento de ser um comportamento doentio e imoral, ganha(m) espaços nunca antes pensados. Discussões sobre o amor entre mulheres crescem dentro do movimento feminista.

As lésbicas seriam, desta forma, o produto da sociedade, não da natureza. Partindo dessa premissa, a luta do sujeito lésbico seria, assim, uma luta política, uma vez que elas constroem/usam uma corporeidade própria na recusa à opressão heteronormativa. Para a crítica estadunidense Adrienne Rich:

A heterossexualidade, assim como a maternidade, precisa ser reconhecida e estudada como uma instituição política – até mesmo ou especialmente por aqueles indivíduos que sentem que são, em suas experiências pessoais, os precursores de uma nova relação social entre os sexos. (RICH, 2010, p. 35).

Segundo Rich, o desejo entre duas mulheres ultrapassa a ideia da pura experiência genital, configurando-se como uma forma de luta contra a opressão masculina e de resistência a deveres femininos impostos, como o casamento e a maternidade. A lésbica emerge como um terceiro gênero, prometendo transcender a restrição

---

<sup>2</sup> Termo tecido por Adrienne Rich em uma análise sobre a experiência lésbica. Para Rich, existem mecanismos em nossa sociedade que levam as mulheres a acreditar na verdade absoluta do casamento com o sexo masculino e em todos os deveres que com o matrimônio vêm, como maternidade, o espaço privado. Tal controle estaria em contos de fadas, quando a princesa fica com o príncipe, no cinema, livros etc. Eu seu texto *Heterossexualidade Compulsória e Existência Lésbica*, de 1980, a autora cita Alice Rossi para afirmar que as mulheres são “dirigidas” aos homens de maneira inata. Desta maneira, a heterossexualidade compulsória seria um dos meios pelos quais o sujeito feminino seria controlado.

binária ao sexo, imposta pela heterossexualidade binária. Passa-se, assim, a pensar na existência de um, nas palavras da poeta, “*lesbian continuum*”, que não limitaria a relação entre duas mulheres a uma relação sexual ou amorosa, indo além ao indicar a união entre mulheres, lésbicas ou não, contra uma tirania masculina. Os termos “*lesbian continuum*” e “existência lésbica” foram pensados por Adrienne Rich em contrapartida à conotação clínica do termo lesbianismo (RICH, 2010, p. 35).

Isto posto, o presente artigo objetiva refletir acerca da construção da subjetividade do sujeito lésbico na poesia da estadunidense Adrienne Rich. Para tanto, serão analisados os poemas “*Splittings*” e “*Twenty-one love poems*”, publicados em 1978, na coletânea intitulada *The Dream of a Common Language*. Para o desenvolvimento do presente estudo, diferentes teóricos que dissertam acerca da construção da sexualidade e subjetividade feminina serão de fundamental importância.

A desconstrução das identidades sexuais e das verdades impostas pela heteronormatividade ganha destaque na escrita da poeta estadunidense Adrienne Rich. Dessa maneira, em seu trabalho, a poeta apresenta a homossexualidade feminina como força da escolha que é negada à mulher, enfatizando o poder da linguagem para a construção de um novo sujeito do feminino. Para ela, é necessária uma mudança no conceito de identidade sexual. Uma mudança que caminhe com o objetivo de apagar todo e qualquer resquício de uma velha e ultrapassada política (RICH, 1979, p. 222).

Como crítica social, em muito de seus textos, Rich aborda o patriarcalismo/machismo, assumindo que este é um sistema político no qual os homens determinam o papel da mulher na sociedade. Para a autora, esse poder é exercido tanto pela força quanto pelos rituais sociais/tradições, mas principalmente pela linguagem. Em seu texto *Heterossexualidade Compulsória e Existência Lésbica* (2010), ela vai destacar oito atos que comprovam o poder exercido pelos homens: a interdição às mulheres de formas de sexualidade fora de seus domínios; a sexualidade masculina imposta, por meio do estupro, idealização do romance hétero, pornografia; a exploração do trabalho feminino e controle de produção; a apropriação e retirada dos filhos por meio do direito do pai e do “sequestro legal”; a coibição de certos movimentos corporais; as mulheres como objeto de troca; a rejeição à criatividade feminina e a retiradas das mulheres de espaços culturais e domínio de conhecimento (RICH, 2010, p. 5).

Rich, remetendo-se a textos de teóricas como Monique Wittig e Kathleen Barry, vai entender que a linguagem é um dos principais meios de dominação do feminino. Wittig vai afirmar que a “linguagem se relaciona com um importante campo político onde o que está em jogo é o poder, ou mais ainda, uma rede de poderes [...] existe uma multiplicidade de linguagem que constante agem sobre a realidade social” (WITTIG, 2010, p. 1). Rich completa o pensamento da crítica francesa ao dizer que “é por meio da linguagem que elas vão internalizar os valores do colonizador e participar ativamente na relação da colonização do ‘eu’ e de

seu sexo [...] A identificação com o homem e o ato por meio do qual as mulheres colocam os homens acima das mulheres” (RICH, 2010, p. 18).

É o discurso patriarcal/masculino, responsável pela opressão e apagamento da voz feminina, que vai vender a heterossexualidade, instituição criticada por Rich, como única verdadeira alternativa para as mulheres. A poeta entende a heterossexualidade como uma relação política a que as mulheres estão circunscritas. A estudiosa Tânia Swain (2010) vai corroborar a ideia de Rich e de outras teóricas femininas ao salientar que “a heterossexualidade é política [...] política na naturalização dos seres, política na exclusão e no confinamento de um feminino, construído como oposto” (SWAIN, 2010, p. 45).

Michel Foucault (2015) defende que diversas relações de poder e verdade circulam em nossa sociedade e inscrevem-se nos corpos, de forma a marcar gestos, comportamentos, tornando-se centro de transmissão de mecanismos de dominação. Somos resultado de nosso cotidiano revelado em nossos comportamentos, cúmplices de conceitos hegemônicos de condicionamento e poder. É assim que o filósofo francês vai definir a sexualidade, não como algo natural, mas como construção cultural atrelada a objetivos políticos de uma classe dominadora.

Nesse ínterim, se o corpo é espaço de disputa política, é necessário discipliná-lo, adestrá-lo, intensificando e distribuindo as forças das classes que o dominam e ajustando-o às normas. O sexo e, conseqüentemente, o corpo são formas de regulação das populações (FOUCAULT, 2015, p. 157). Para a histerização do feminino, o “sexo/corpo” acaba sendo definido como algo que pertence ao masculino, ele é faltante à mulher, como já explicitado, ele torna-se completo apenas quando usado para reprodução.

À vista disso, Wittig vai afirmar que “o pensamento hétero desenvolve uma interpretação totalizante da história, da realidade social, da cultura, da linguagem e de todos os fenômenos subjetivos” (WITTIG, 2010, p. 3). Há um processo de convencimento cultural de que o certo para o feminino é a devoção e submissão ao masculino (SWAIN, 2010, p. 46).

A visibilidade acerca de relações homoeróticas faz crescer o interesse social em relação à representação dessa temática através da literatura. Sabemos que, ainda que a reflexão sobre a homossexualidade esteja associada às bases de uma sociedade heteronormativa, as quais trazem consigo tensões sociais, a expressão sobre o assunto, tendo como instrumento a literatura, torna possível um diálogo crítico acerca de questões relacionadas à problemática de gênero e à construção de identidade feminina e de sua sexualidade. Tendo isso em mente, Rich encontra em sua poesia, dando voz ao eu lírico, uma maneira de colocar o amor entre mulheres em pauta, demonstrando que tal união traz transformações importantes ao papel da mulher na sociedade.

Em *Blood, Bread and Poetry* (1986), Rich afirma que o amor entre mulheres não deve ser lido como ódio dessas pela figura masculina, salientando que tal afirmativa

é dada como verdadeira pelas próprias instituições heterossexuais como forma de negar a veracidade da união entre mulheres. Para autora, como já mencionado, o amor entre duas mulheres estaria além de um vínculo físico, interpretando um importante papel no cenário social e político. As mulheres estariam, assim, lutando contra uma supremacia masculina, que coloca o feminino em um segundo plano, guardado em um espaço privado.

Ao analisar a poesia de Rich, o pesquisador Adrian Oktenberg afirma que a poeta prova, através de seus textos, que as mulheres, ao confirmarem sua “deslealdade” para com o patriarcado (OKTENBERG, 1984, p. 63), libertam-se internamente de atitudes que as minimizam como sujeitos, atitudes que não consideram suas experiências como relevantes para escrita de uma história feminina.

Novas trilhas se mostraram ao feminino. Deparamo-nos com uma ressignificação de imagens e palavras, revisando a maneira como as palavras são postas uma do lado da outra, trazendo um novo poder a elas, o poder do feminino. O efeito na poesia de Rich não é diferente.

Nos poemas da segunda fase de escrita de Rich, sua poesia vai ganhando força, e a subjetividade feminina, não mais subjugada, vai sendo alicerçada por uma linguagem de cumplicidade e comunhão, defendendo que a mudança do status da mulher depende diretamente da maneira com que as relações entre elas são estabelecidas.

É nesse contexto que o sujeito lésbico ganha espaço. Em um processo de rompimento com o silêncio que lhe foi imposto, o discurso do sujeito lésbico prova que a identidade feminina não está exclusivamente atrelada à identidade do homem. Rich reitera que a existência lésbica é

Abrçar as muitas formas de conexão entre mulheres, incluindo o compartilhamento de sua interioridade, a ligação contra a tirania masculina, o dar e receber apoio prático e político... [assim] começamos a compreender a amplitude da história e da psicologia feminina, que têm ficado de fora dos espaços públicos como consequência de limites, principalmente clínicos, da lesbiandade (RICH, 2010, p. 26).

Isso posto, percebemos que, para a poeta, seus poemas lésbicos não são simplesmente textos que declaram o amor entre mulheres, mas poemas que transcendem a ideia de sexo. Tais versos não estão restritos a uma leitura heterossexual do amor entre duas mulheres, mas a um entendimento das mais profundas implicações que envolvem o romance entre duas pessoas do mesmo sexo. Sobre os poemas da segunda fase de Rich, de acordo com autoras como Cheri Langdell, a estadunidense

procura criar e fortalecer os textos verdadeiramente lésbicos e feministas, não somente por sua originalidade literária pura, mas também como uma forma de

refletir uma sexualidade e paixão a priori ignorada ou enterrada como a própria tradição feminina (LANGDELL, 2004, p. 35).

Tal noção é perceptível no poema “*Splittings*”, poema publicado na coletânea *The Dream of a Common Language*. Escrito em 1978, “*Splittings*” traz de maneira singular o amor entre duas mulheres. O eu lírico assume-se como feminino quando, nos versos do poema, afirma agora poder escolher e gerir o seu próprio destino, ação reservada apenas aos homens – “*I believe I am choosing something now*” (RICH, 1978, p. 23, v. 23). Agora ela pode viver sem os mandamentos masculinos e como homem – “*like a man*” (RICH, 1958, p. 24, v. 46) – não aceitando o que antes a ela era dado – “*I refuse these givens*” (v. 47) –, os limites do feminino. Nos versos acima, percebemos que o eu lírico de Rich rechaça qualquer vínculo com a figura masculina, também se mostrando consciente do poder das mulheres como indivíduos. É nos braços de uma mulher que ela quer viver, é dos braços de um sujeito do mesmo sexo que ela enxerga a perspectiva de um amor puro, distante do poder – “*abnegating power for love*” (RICH, 1978, p. 24, v. 44). Como homem – “*like a man*” (v. 46) –, não mais deixando de agir, unido o amor e o real ação – “*I refuse these givens the splitting/ between love and action*” (v. 47-48), ela quer ir ao encontro de sua amante para refugiar-se em seu corpo, espaço livre de qualquer marca de poder. Vemos o amor entre mulheres como a mais inteligente representação do amor – “*I choose to love this time/ for once with all my intelligence*” (v. 50-51). Não vemos mais marcas destrutivas da separação entre mente e corpo feminino, ela escolhe possuir os dois.

No referido poema, temos um eu lírico que quer esquecer-se, deixar em seu passado tudo que não mais participa de sua constituição como sujeito. Um sujeito feminino fugindo de todas as características impostas por uma sociedade patriarcal, na qual a figura feminina é um objeto cheio de inscrições masculinas. O amor do eu lírico por sua amada cria a possibilidade de fusão de seus espíritos/almas – “*we have met before these are my hands before your eyes/ my figure blotting out all that is not mine*” (RICH, 1978, v. 15-16, p. 22). Como uma criança que vai ao encontro do peito de sua doce mãe, despida de todos os preconceitos e problemas, ela vai ao encontro de sua amada – “*I want to crawl into her for refuge lay my head/ in the space between her breast and shoulder*” (RICH, 1978, v. 44-45, p. 24). Elas comunicam-se através de seus corpos, esses que por longo tempo foram impedidos do toque, da troca.

Anos se passam sem que a relação, por ela tão sonhada e desejada, fosse possível. O eu lírico percebe a decisão de tornar público o seu amor como a decisão de sua vida. Sua luta por um espaço onde sua voz é ouvida e reconhecida ganha força. Sua atitude mostra-se também política, já que ela terá que enfrentar uma sociedade que as enxergará como “desviantes”, o seu amor não segue as normas. Assumindo as consequências de suas escolhas, o eu lírico rejeita o papel privado

feminino, revelando sua autonomia em protesto aos anos de obrigações dadas como apenas femininas.

Ao aprender na dor do silêncio – “*I have been waking off and on / all night to that pain*” (RICH, 1978, v. 3-4, p. 22), o eu lírico sente que o sentimento guardado por longo tempo precisa ser exposto. Ela escolhe viver longe de um passado no qual sua amante não participa, ela escolhe viver todo o seu amor em um presente e futuro de promessas boas, rompendo com os mitos que cerca o amor lésbico. Sobre “*Splittings*”, a pesquisadora Claire Keyes assinala que através do eu lírico, Rich apresenta as “dificuldades de um relacionamento amoroso e o heroico trabalho de uma relação entre duas pessoas do mesmo sexo” (KEYES, 1986, p. 189, tradução nossa).

Tomada a decisão de não mais manter em silêncio o seu amor por outra mulher, em “*Twenty-one love poems*”, publicado em 1978, também na coletânea *The dream of a common language*, o eu lírico de Rich sai de vez de seu espaço de invisibilidade para dar voz a um discurso no qual o tema central é a possibilidade de escolha. A primeira coletânea explicitamente sobre o amor lésbico carrega versos repletos de senso de determinação, distanciando-se por completo dos sujeitos dos primeiros poemas analisados nesse artigo, que, por mais que enxergassem possibilidades de escolha, ainda sustentavam suas posições coadjuvantes atrás do dominante homem.

A própria autora afirma que *Twenty-one love poems* (1978) é o trabalho de sua vida; os poemas nos quais ela, pela primeira vez, através do eu lírico, pode orquestrar diferentes vozes femininas, femininos que se entrecruzam por um mesmo objetivo, a luta por um lugar melhor. Assim, é pela revisitação do tradicional formato de soneto que a poeta falará sobre a experiência lésbica. Usando a força das metonímias, o eu lírico caminha em direção a uma afirmação e definição acerca do que Rich, em *Heterossexualidade Compulsória e Existência Lésbica* (2010), vai chamar de “estética lésbica”, uma estética que contraria àquela instituída por homens, desafia os valores culturais dominantes. A autora Alice Templeton afirma que o poema supracitado é “um tributo, emocional e erótico, à existência lésbica” (TEMPLETON, 1994, p. 10, tradução nossa).

No decorrer dos vinte e um poemas, a voz do eu lírico nos transporta por diferentes formas de ligação entre o feminino, assim como celebra a luta contra tabus, reconhecendo as possibilidades de criação de um novo mundo. Esse caminha para a construção de um lugar das mulheres, das lésbicas, que desafia as fronteiras até então em vigor. Um lugar no qual o poder nasce do amor, como bem explicitado pelo poema de número dois.



II

*I wake up in your bed. I know I have been dreaming.  
Much earlier, the alarm broke us from each other,  
You've been at your desk for hours. I know what I dreamed:  
our friend the poet comes into my room  
where I've been writing for days,  
drafts, carbons, poems are scattered everywhere,  
and I want to show her one poem  
which is the poem of my life. But I hesitate,  
and wake. You've kissed my hair  
to wake me. I dreamed you were a poem,  
I say, a poem I wanted to show someone...  
and I laugh and fall dreaming again  
of the desire to show you to everyone I love,  
to move openly together  
in the pull of gravity, which is not simple,  
which carries the feathered grass a long way down the upbreathing  
[air*

(RICH, 1978, p. 40).

Nos versos acima, percebemos a importante conexão entre o eu lírico e sua amada. Seus sonhos e palavras a conectam ao seu amor. No excerto acima, temos contato com cenas do cotidiano de um casal, o eu lírico está na cama de sua amada – “*I wake up in your bed*” (RICH, 1978, p. 40, v. 1) – enquanto essa está “por horas” - “*for hours*” (v. 3) – em sua mesa, o eu lírico é despertado com um beijo de seu amor. A dificuldade de exprimir e nomear os sentimentos não é sentida pelo feminino da poesia acima, já que ela precisa dizer ao mundo que ama outra mulher. Fica claro que a ausência de lugar de fala imposto às mulheres socialmente pode ter acarretado o silenciamento das lésbicas, de modo que os seus comportamentos fossem moldados compulsoriamente de acordo com a heteronormatividade. Porém, as duas mulheres que se encontram no poema tentam transgredir as normas impostas e se permitiram aquele amor ingênuo, que é narrado com uma linguagem sutil.

*Twenty one love poems* (1978) sugere, já em seu segundo poema, a busca pela conexão e a constituição da tão sonhada linguagem em comum – a amante do eu lírico toma a forma de poema, ela é linguagem, o sonho –, urgente para o fortalecimento de uma subjetividade feminina, para o feminismo e para o sujeito lésbico. A ação de “sair do invisível” é apresentada pelos versos do poema citado. A linguagem atua, assim, em direção à prática, dissolvendo os limites e preenchendo os vazios entre ela e a experiência. Para tanto, o eu lírico precisa mostrar a todos quem ela ama, a sua amada. Há o reconhecimento da existência de caminhos difíceis que deverão ser trilhados em conjunto.

Os obstáculos já são mostrados logo no primeiro poema da coleção. É em uma Manhattan, representando um mundo inteiro marcado pela violência, alimentado pela pornografia e, conseqüentemente, venda do corpo do feminino como objeto, que o discurso de amor entre duas iguais vai ser entoado.

I

*Whenever in this city, screens flicker  
with pornography, with science-fiction vampires,  
victimized hirelings bending to the lash,  
we also have to walk...if simply as we walk  
through the rainsoaked garbage, the tabloid cruelties  
of our own neighborhoods.* (RICH, 1978, p. 38).

Como visto nos versos acima, é então pelo entrelaçamento de um ambiente hostil, marcado pela constante pressão social – “*We need to grasp our lives inseparable*” (RICH, 1978, p. 38, v. 7) –, em uma história de amor, que o eu lírico, convocando sua amada para caminhar ao seu lado, encontra forças para resistir ao confinamento em normas de um sistema heterossexual. Na apresentação de tal espaço, depreendemos a importância do reconhecimento pelas lésbicas das injustiças sofridas, o reconhecimento de seu passado como um estímulo para transformação. O sujeito lésbico não pode ser visto como um sujeito incompleto.

Ainda sobre os dois primeiros poemas, é interessante notar que o poder da natureza – árvores, ar, gravidade –, assim como em outros poemas analisados no presente trabalho, faz-se presente como forma de evocar a força do feminino e, agora, a experiência lésbica e o estabelecimento de uma nova ordem. Uma natureza que metaforicamente representa tanto a prévia invisibilidade como uma possível resposta para o seu silenciamento e, conseqüentemente, traz a luz de sua multifacetada subjetividade.

O quinto poema da coletânea apresenta uma imagem diferenciada da invisibilidade desse eu lírico, representada por um doloroso sentimento de ausência. Pelo apartamento repleto de livros – “*This apartment full of books*” (RICH, 1978, p. 44, v. 1) –, o eu lírico nos mostra os séculos de livros que não foram escritos e que poderiam contar a sua história (de amor), a história das mulheres, a história do sujeito lésbico – “*Centuries of books unwritten piled behind these shelves;/ and we still have to stare into absence*” (RICH, 1978, p. 44, v. 16-17). É ao afirmar que os livros já escritos trazem o outro lado de tudo que amou que esse sujeito registra as torturas que há longo tempo silenciam mulheres que veem em outras mulheres a força para seguir em frente.

Ainda no poema V, o eu lírico afirma reconhecer que é ao renomear o mundo, “*this half-world*” (v. 20), que o feminino ganha força. Ele deixa ainda mais claro

que é através da linguagem que se dá o total apagamento da história do sujeito feminino, do sujeito lésbico, a omissão de sua história, já que tudo a volta dele é construído pela linguagem do homem, do poder patriarcal, revelando os desafios, que esses deverão enfrentar e dando completo poder a ação do falar.

O poema XV, assim como o poema II, traz também uma alegoria aos desafios enfrentados pelo sujeito lésbico ao tentar ser ouvido através de uma linguagem de dominação:

XV

*If I lay on that beach with you  
white, empty, pure green water warmed by the Gulf Stream  
and lying on that beach we could not stay  
because the wind drove fine sand against us  
as if it were against us  
if we tried to withstand it and we failed -  
if we drove to another place  
to sleep in each other's arms  
and the beds were narrow like prisoners' cots  
and we were tired and did not sleep together  
and this was what we found, so this is what we did -  
was the failure ours?  
If I cling to circumstances I could feel  
not responsible. Only she who says  
she did not choose, is the loser in the end (RICH, 1978, p. 53).*

O termo *se (If)* dos versos acima assinalam um mundo de possibilidades, de companheirismo entre ambas, marcando um ato de dedicação e amor, que até mesmo na ausência se faz presente.

Ademais, o poema XV sugere que é pelo ritmo, metáforas e palavras usadas pela poeta que notamos o alinhamento entre esse novo mundo e nova linguagem e uma noção de subjetividade, característica que percorre todos os poemas da coletânea. Da mesma forma, há um especial reconhecimento do eu em um outro que profere esse mesmo novo discurso, que sofre da mesma dor. Há a admissão da confiança nas pequenas mãos – “*your small hands*” (1978, p. 45, v. 1) – da amante, simbolizando a delicadeza em oposição ao brutal, marcado pelas grandes mãos masculinas, e demonstrando que é ao lado da sua igual que ela acessa o mais profundo de sua alma – “*I was talking to my own soul*” (1978, p. 60, v. 12). É nesse encontro que, então, definem-se suas ações. Agora, ela tem o poder de escolher – “*I choose to be the figure in that light, / half-blotted by darkness, something moving / across that space, the color of stone / greeting the moon, yet more than stone: /*

*a woman. I choose to walk here. And to draw this circle*" (RICH, 1978, p. 61, v. 11-15).

É também interessante notar que, com recorrência, a figura de uma pedra (poemas VIII, XI e XV), ser inanimado, é utilizada como forma de representação de um feminino que estático contrasta com o feminino do poema, o eu lírico, que parece ganhar voz, luta por seu espaço, uma figura feminina que está em ação, que se move, acreditando no poder de sua subjetividade e de sua sexualidade que não mais está a serviço do homem.

Já os poemas XI e XVII nos apresentam o círculo do último poema, uma paisagem na qual é possível o encontro dessas figuras femininas não mais coadjuvantes; um lugar no qual o amor entre as duas é possível, sem esconderijos:

XI

*Every peak is a crater. This is the law of volcanoes,  
making them eternally and visibly female.  
No height without depth, without a burning core,  
though our straw soles shred on the hardened lava.  
I want to travel with you to every sacred mountain  
smoking within like the sibyl stooped over her tripod,  
I want to reach for your hand as we scale the path,  
to feel you arteries glowing in my clasp,  
never failing to note the small, jewel-like flower  
unfamiliar to us, nameless till we rename her,  
that clings to the slowly altering rock-  
that detail outside ourselves that brings us to ourselves,  
was here before us, knew we would come, and sees beyond us. (RICH,  
1978, p. 49).*

XIII

*The rules break like a thermometer,  
quicksilver spills across the charted systems,  
we're out in a country that has no language  
no laws, we're chasing the raven and the wren  
through gorges unexplored since dawn  
whatever we do together is pure invention  
the maps they gave us were out of date  
by years we're driving through the desert  
wondering if the water will hold out  
the hallucinations turn to simple villages  
the music on the radio comes clear -*

*neither Rosenkavalier nor Gotterdammerung  
but a woman's voice singing old songs  
with new words, with a quiet bass, a flute  
plucked and fingered by women outside the law.* (RICH, 1978, p. 52).

Pelos versos acima, compreendemos que o eu lírico acredita que, nessa nova era, o feminino pode estar em qualquer lugar, por onde ele viaja e explora, entretanto lembra que esses espaços deverão então ser renomeados, distanciando-o da linguagem do patriarcado – *“jewel-like flower/ unfamiliar to us, nameless till we rename her”* (RICH, 1978, p. 49, v. 10-11); *“the rules break like a thermometer/ quicksilver spills across the charted systems, /we're out in a country that has no language”* (RICH, 1978, p. 52, v. 1-3). Nesse novo mundo, existe muito a ser descoberto e, de mãos dadas, explorando essa nova vida, o eu lírico, junto de sua amada, busca (re)contar sua história.

O afirmado acima também é confirmado pelo trabalho do eu lírico em transpor o sexismo mesmo através da música. Ela aparece, assim, cantando músicas velhas com novas palavras, fazendo com que essas passem a pertencer a um espaço da figura feminina. Diferentes impactos são importantes ao se trilhar um caminho em busca da visibilidade.

Entretanto, para a construção desse novo mundo, o eu lírico precisa esperar pacientemente o tempo de sua amada, ainda ocupando um espaço de silêncio. É aqui que o eu lírico se encontra imobilizado, sabendo os caminhos que devem ser trilhados, porém presa por diferentes regras. O que prosperava nos primeiros poemas vai desintegrando-se, um amor ao mesmo tempo possível e impossível – *“these are the forces we had ranged within us/ within us and against us, against us and within us”* (v.14-15). No poema XVII, a história de Tristão e Isolda surge como metáfora para o progressivo isolamento de sua amante, ambas em tempos diferentes – *“same time”* –, sintoma de uma realidade ainda preenchida pelo sujeito dominante, o homem.

Ao final dos vinte e um poemas, depreendemos que o tornar-se visível demanda o enfrentamento dos efeitos causados por um mundo masculino tóxico. Isso, para o eu lírico, será possível apenas com a consciência da multiplicidade do sujeito feminino que, até então, vive engaiolado, preso a regras e papéis moldados a partir de uma sociedade heterossexual. É pela desconstrução do fetiche masculino e construção da identidade de um sujeito feminino independente que somos guiados a um novo entendimento do social e, é claro, dos papéis reservados aos gêneros. É através dos vinte e um poemas que o eu lírico nos leva para um espaço de entendimento ainda maior sobre o sujeito lésbico da poesia de Rich e dos lugares que o cercam.

Pelo então exposto, percebe-se a crença do eu lírico no importante papel que a união entre mulheres tem no questionamento dos papéis preestabelecidos de gênero. São mulheres que encontram em uma igual o pilar para lutar por direitos

não antes acessados, sujeitos que, conscientes do poder de sua voz, encontram-se em um processo de reconhecimento de sua própria subjetividade. Os versos ainda nos mostram a relevância do papel da sexualidade quando pensamos no sujeito feminino, já que é por meio desse que as mulheres são objetificadas, demonstrando que é, também, ao desviar e questionar os padrões heterossexuais que o sujeito feminino pode reconstruir-se.

Assim, a partir da poesia de Rich, entende-se que as sexualidades, construções sociais que derivam de discursos hegemônicos/heteronormativos, devem ser questionadas e reconfiguradas. Nesse viés, sua poesia desnuda o papel coadjuvante do feminino lésbico, salientando o duplo esquecimento que esse sofre. A poeta salienta o fato de que os sujeitos lésbicos têm voz e essa merece também ser ouvida. O amor entre mulheres é, para ela, uma forma de lutar contra os padrões impostos pelo patriarcado.

Nessa perspectiva, acredita-se que os mais diversos estudos sobre o feminino e suas múltiplas faces contribuem de diversas maneiras para o avanço de determinados pensamentos que assolam nossa sociedade atual. Ademais, entende-se a necessidade desse tipo de diálogo, que olhe para temas que digam respeito às subjetividades femininas sem os pudores que impedem os sujeitos de quebrar preconceitos e que parece levá-los para um espaço marcadamente masculino, como um caminho para os novos tempos que pedem uma atenção especial para além do sujeito masculino, encontrando, assim, o feminino e as diferentes formas de expressão de suas emoções e sexualidade(s).

FARIAS, A. A. N. The I and the same: lesbian love in Adrienne Rich's poetry. *Itinerários*, Araraquara, n. 48, p. 237-252, jan./jun. 2019.

■ **ABSTRACT:** *This article aims to reflect on the construction of the subjectivity of the lesbian subject in the poems "Splitting" (1978) and Twenty-one love poems (1976) by the North-American poet, Adrienne Rich. Dissociated from the social representations that assume that the female body is a mere male object and going beyond the notion that the sexual possession of the woman is a factor that maintains the social order, Rich's lyrical self is then the subject formed by and in the difference. Today, with the multiplicity of values, senses and representations, the centralized and static female subject loses her space to a contradictory, dynamic and fragmented figure, the result of her experiences. In this perspective, it is understood that Rich's poems discussed here constitute a space for reflection on hegemonic discourse and social practices guided by Western culture. Thus, it is intended to articulate the speech of the American poet to those of theoreticians such as Michel Foucault (2015), Tânia Swain (2010) and Adrienne Rich (1979, 1986, 2010), in this way showing that with the growing discussion of this construction not only a new perception of the world is promoted, but also a change in the framework of references and criteria in the evaluation of social phenomena.*

■ **KEYWORDS:** *Adrienne Rich. Lesbian. Poetry. Subjectivity.*

## REFERÊNCIAS

- BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo**. Tradução por Sérgio Milliet. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- DALLERY, Arleen B. A política da escrita do corpo: *écriture féminine*. In: JAGGAR, Alison.; BORDO, Susan R. **Gênero, corpo, conhecimento**. Rio de Janeiro: Record; Rosa dos Tempos, 1997. p. 62-78.
- FOUCAULT, Michel. **A história da sexualidade 1: A vontade de saber**. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2015.
- FUNCK, Susana Bornéo. **The Impact of Gender on Genre: Feminist Literary Utopias in 1970s**. 1998. Monografia (Pós-Graduação em Inglês) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1998.
- KEYES, Claire. **The Aesthetics of Power: The Poetry of Adrienne Rich**. Georgia: The University of Georgia Press, 1986.
- LANGDELL, Cheri Colby. **Adrienne Rich: The Moment of Change**. Westport: Praeger Publishers, 2004.
- LAQUEUR, Thomas W. **Inventando o Sexo - Corpo e Gênero dos Gregos a Freud**. Tradução por Vera Whately. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.
- OKTENBERG, Adrian. **Disloyal to Civilization: The “Twenty-one Love Poems” of Adrienne Rich**. Reading Adrienne Rich: Review and Re-visions - 1951-81. Ed. Jane Roberta Cooper. Ann Arbor: U. of Michigan Press, 1984. p. 52-71.
- PERROT, Michelle (Org.). **História da vida privada: da Revolução Francesa à Primeira Guerra**. Tradução de Denise Bottmann e Bernardo Joffily. São Paulo: Campanhia das Letras, 2009.
- RICH, Adrienne Cecile. **Blood, Bread, and Poetry: Selected Prose 1979-1985**. London: Virago, 1986.
- RICH, Adrienne Cecile. Heterossexualidade compulsória e existência lésbica. Tradução por Carlos Guilherme do Valle. **Bagoas**, n. 5, p. 17-44, 2010.
- RICH, Adrienne Cecile. **The dream of a common language**. New York: W.W. Norton & Company, 1978.
- RICH, Adrienne Cecile. The meaning of our love from women is what we have constantly to expand. In: RICH, Adrienne Cecile. **On lies, secrets and silence**. New York: W.W. Norton & Company, 1979. p. 220-251.

SWAIN, Tânia Navarro. Desfazendo o “natural”: a heterossexualidade compulsória e o continuum lésbiano. **Bagoas** - estudos gays: gênero e sexualidades, v. 4, n. 5, p. 45-55, 2010.

TEMPLETON, Alice. **The Dream and the Dialogue: Adrienne Rich’s Feminist Poetics**. Tennessee: Univ. of Tennessee Press, 1994.

WITTIG, Monique. **O pensamento hétero**. Disponível em: <http://mulheresrebeldes.blogspot.com.br/2010/07/sempre-viva-wittig.html>. Acesso em: 24 set. 2018.

